

Diferença com credores está na avaliação econômica do País

por Celso Pinto
de Londres

O que separa o Brasil dos bancos credores são diferenças na avaliação da economia do País e no conceito da proposta de renegociação. A distância é grande, nos dois casos, mas o processo de negociação que começou deverá continuar.

A idéia central do Brasil de condicionar o pagamento externo à sua "capacidade de pagamento" é sensata o bastante para não ser inteiramente rejeitada pelos bancos. Mas existe uma diferença sensível na avaliação do que seja essa capacidade e na definição de prioridades, pelo que apuro este jornal.

No fundo, os bancos argumentam que a projeção feita pelo Brasil é muito pessimista. Ela supõe que o superávit primário do setor público do próximo ano terá de desaparecer a partir de 1992, pela retomada dos investimentos públicos.

A prioridade no uso dos recursos gerados pelo esforço fiscal, de outro lado, passa, como têm dito as autoridades brasileiras, primeiro pelo repagamento dos débitos internos, por uma certa retomada dos in-

vestimentos para, por último, chegar ao pagamento externo. A suposição econômica que está por trás é que, sem tentar reduzir, rapidamente, o débito interno será difícil ter sucesso no programa de estabilização a médio prazo.

Os bancos, naturalmente, vêem as coisas de forma diferente. O argumento usado é que, se o Brasil não fizer um esforço maior para equacionar o débito externo, o esforço para estabilizar as expectativas internas será inútil. O exemplo do México é interessante: tão logo o país fechou um acordo com os bancos, foi possível cortar drasticamente as taxas reais de juros, aliviando a dívida interna, sem perda de eficiência da política monetária e de estabilização.

É fácil, contudo, lembrar nesse caso um exemplo na direção exatamente oposta. Se o País chegar a um acordo com os bancos que seja percebido como insuficiente, não se tem ganho algum no mercado interno. Ao contrário, pode-se lembrar o acordo do Brasil com os bancos em 1987 que não só não foi percebido como uma solução duradoura como foi seguido, pouco de-

pois, por um brutal aumento das taxas internas de juros, gerando uma pressão inédita sobre a dívida interna.

A capacidade de pagamento do País, de outro lado, poderia ser ampliada se houvesse financiamento adequado de instituições como o Banco Mundial (BIRD) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Os bancos privados acham que o Brasil não se empenhou o suficiente nessa direção. De fato, há uma resistência da área econômica do governo em ampliar a área de interferência do BIRD na formulação de políticas macroeconômicas, o que seria inevitável se o País aceitasse um "pacote" de empréstimos setoriais de maior porte.

A distância em relação à proposta concreta de renegociação é ainda maior do que a distância na abordagem dos problemas econômicos.

Isso ficou claro pelo fato de os bancos terem limitado sua contraproposta a uma fórmula para o País pagar parte dos atrasados e retomar o pagamento dos juros quando o Brasil havia deixado claro que não queria discutir nada que não

incorporasse a questão ampla da renegociação.

Não é fácil prever o futuro imediato. As negociações deverão ser longas, como já disseram autoridades brasileiras. Se a política econômica começar a apresentar resultados positivos no front inflacionário, a posição negociadora será reforçada — e os bancos sabem disso. Na hipótese contrária, o governo estará em dificuldades e a negociação ficará pendente do destino que se der à equipe e à política econômica.

Enquanto a negociação não deslancha, o Brasil continua sem pagar juro, o que quer dizer que estará reforçando seu caixa e, eventualmente, sua posição de barganha se tiver sucesso na política interna. Em contrapartida, estará com a área externa em aberto, o que significa uma relação potencialmente problemática com os parceiros internacionais.

Apesar da distância que separa o que quer o País do que querem os bancos, contudo, não parece provável que o processo de negociação se interrompa bruscamente, algo que não é do interesse de nenhuma das partes.